

*O fundador e coreógrafo do St. Petersburg Ballet Theatre, que faz turnê pelo Brasil, conversa com a bailarina brasileira e, apaixonado pelo próprio trabalho, declara que sua arte é especialmente viva*

BEATRIZ VELLOSO

**R**IO — Ana Botafogo e Boris Eifman conheceram-se no dia 13, num encontro promovido pelo Estado e pela empresa Dell'Arte. Ela, primeira-bailarina do Teatro Municipal do Rio, entrevistou o coreógrafo e diretor do St. Petersburg Ballet Theatre, a principal companhia de dança contemporânea da Rússia. O Estado acompanhou com exclusividade esse bate-papo de mais de duas horas.

Na conversa, falou-se sobre o trabalho do St. Petersburg Ballet Theatre e o programa que a companhia está trazendo ao Brasil. A primeira turnê do grupo pelo País, promovida pela Dell'Arte e patrocinada pela IBM, faz escala no Teatro Sérgio Cardoso de São Paulo na sexta, sábado e domingo. A turnê começou ontem em Porto Alegre, passa amanhã por Curitiba e depois segue para Belo Horizonte (dias 1º e 2 de julho), Salvador (dia 5) e Rio (dias 8 e 9).

Boris Eifman traz para cá duas de suas melhores coreografias: *Tchaikovski* — *Um Ser Dividido* e *Os Karamazov*, baseada na obra de Dostoiévski. "São dois grandes criadores russos e acho importante viajar com esses trabalhos", afirma.

A companhia, que está completando 20 anos de existência, passou 12 deles penando nas mãos do Partido Comunista da ex-União Soviética, que considerava a dança contemporânea de Eifman pouco positiva para a imagem do sistema.

Na época, São Petersburgo ainda se chamava Leningrado. Como continua ainda hoje, o Kirov reinava como símbolo absoluto da cultura soviética oficial. Para o grupo de Eifman, o tratamento era outro: nada de subvenções, patrocínios ou espaços para ensaios e apresentações.

Nesta entrevista a Ana Botafogo, Boris Eifman lembra os anos de censura, comemora a abertura, discute o papel da dança no final do século 20 e ensina: "O balé é uma arte especialmente viva."

★  
**Ana Botafogo** — Como está a situação do balé na Rússia?

**Boris Eifman** — Na Rússia, o balé sempre foi uma arte oficial. No século 19, era arte para os reis, depois virou arte para os comunistas. Agora, estamos atravessando uma situação econômica muito complicada, mas o governo continua financiando o balé e mantém escolas como a Vaganova em São Petersburgo.

**Ana** — As companhias de dança só usam alunos saídos da escola de balé de São Petersburgo?  
**Eifman** — Sim, especialmente o Kirov. A Vaganova treina alunos para o Kirov e os melhores vão para lá. Mas eu, por exemplo, não uso dançarinos só da Vaganova.

**Estado** — De onde saem os dançarinos do St. Petersburg Ballet?

**Eifman** — Principalmente de escolas de São Petersburgo, de Moscou e outras cidades. Não tenho uma escola própria, mas quando um jovem bailarino vem para minha companhia, passa por mais dois anos de treinamento especial. Em primeiro lugar, é preciso combinar técnica de dança e de arte. Meu sistema pede dramaturgia. Cada passo passa a ser um som, como se a coreografia fosse a música. E para isso é preciso muita harmonia, que dá a forma ideal à dança. Harmonia é fundamental. Vi na tevê jovens e velhos que vão para essas discotecas de música brasileira... Como se chama?

**Estado** — Escolas de samba?  
**Eifman** — Não. São casais dançando assim (*levanta-se e imita*).

**Estado** — Ah, as gafeiras.  
**Eifman** — Isso. Dá para ver como eles estão felizes. Quando dançam, estão vivendo de verdade. Quando param de dançar, estão vivendo suas vidinhas normais. Eles precisam dançar, querem dançar. Quando meus bailarinos dançam, você esquece que são artistas. Não é trabalho, é a vida.

**Ana** — O preço do ingresso para ver uma apresentação de balé ainda é baixo como antes na Rússia?

**Eifman** — Tudo na Rússia está muito caro: a comida, os serviços. Por isso, eu acho que o preço do ingresso ainda é relativamente barato. Mas os salários são baixíssimos e, pensando por esse ângulo, o ingresso está mais caro.

**Ana** — Já existem escolas privadas na Rússia?  
**Eifman** — Isso começou recente-

mente e as escolas têm professores excelentes.

**Ana** — As escolas privadas podem formar bons alunos porque não desprezam crianças que não têm corpos tão bons. As escolas do governo eliminam esses alunos e às vezes perdem pessoas que poderiam ter se tornado grandes bailarinos.

**Eifman** — Eu concordo. Ainda mais numa companhia como a minha, que precisa de artistas completos. Sempre digo que meus bailarinos são excelentes, porque combinam técnica e alma.

**Ana** — Isso é muito importante. Balé é uma combinação de arte, técnica e atletismo. Hoje em dia as pessoas querem ver cinco piruetas e o salto mais difícil. É muito bom saber fazer tudo isso, mas balé é um momento mágico que só pode ocorrer se houver alma.

**Eifman** — O balé é muito importante neste fim de século 20. Não impõe barreiras de língua, oferece possibilidades interessantes de troca de informações culturais com o público. É uma arte especialmente viva. Infelizmente, muitas companhias estão optando por fazer somente balé físico. Eu faço exatamente o oposto.

**Ana** — Como você cria coreografias?

**Eifman** — Primeiro estudo muito. Leio sobre o assunto que vou tratar, escolho uma música e escuto o tema durante dias. Quando vou para o estúdio, esqueço tudo isso. Concentro-me somente no corpo e na personalidade dos bailarinos, que é o mais importante. Muitos de meus bailarinos fazem sucesso e são premiados. Mas, se forem dançar para outro coreógrafo, dificilmente vão atingir o mesmo resultado. Eu mostro a eles quem são e muitas vezes eles ficam surpresos com o que podem fazer.

**Ana** — Você estudou para ser coreógrafo?  
**Eifman** — Sim. Comecei a fazer coreografias quando ainda estava na escola, aos 13 anos. Mais tarde, fui para uma faculdade de coreografia. Dois anos depois, fui para a Vaganova, onde era coreógrafo e dava aulas de dança. Trabalhei lá de 1967 até 1977 — foi quando criei minha companhia.

**Ana** — Você estudou para ser coreógrafo?

**Eifman** — Sim. Comecei a fazer coreografias quando ainda estava na escola, aos 13 anos. Mais tarde, fui para uma faculdade de coreografia. Dois anos depois, fui para a Vaganova, onde era coreógrafo e dava aulas de dança. Trabalhei lá de 1967 até 1977 — foi quando criei minha companhia.

**Ana** — A competição para entrar na faculdade de coreografia é grande?

**Eifman** — Infelizmente, não temos muitos coreógrafos novos. Quando eu estudava, havia cerca de cinco estudantes por ano. Atualmente, acredito que haja uns três ou quatro alunos por ano. O coreógrafo não é quem cria dança, é quem dá um poder mágico para os bailarinos agirem por meio de movimentos. Qual quer um pode dançar. Mas por que um movimento específico toca as pessoas? O grande coreógrafo é aquele que tem a espinha alinhada em direção a Deus e consegue mostrar isso para o público. Infelizmente não é fácil encontrar gente assim. Coreografar é um dom.

**Estado** — Cada um de vocês optou por um caminho diferente: Boris Eifman é um coreógrafo de dança contemporânea. Ana Botafogo é uma bailarina clássica. Mesmo assim, vocês parecem ter idéias bastante parecidas com relação à dança.

**Eifman** — É verdade. Para mim, tanto o moderno quanto o clássico são tradicionais. Quero abrir novas possibilidades de movimento, quero que cada movimento traga mais informações e toque mais fundo a plateia. Faço balé-teatro, gosto de ter um contato forte com as pessoas. Eu gostaria que experimentassem as mesmas sensações que meus bailarinos sentem em cena.

**Ana** — Sou uma bailarina clássica, mas às vezes danço balés contemporâneos também. Bailarinos clássicos e contemporâneos usam movimentos para interpretar sentimentos e idéias. Mas acredito que todos devem ter a técnica clássica.

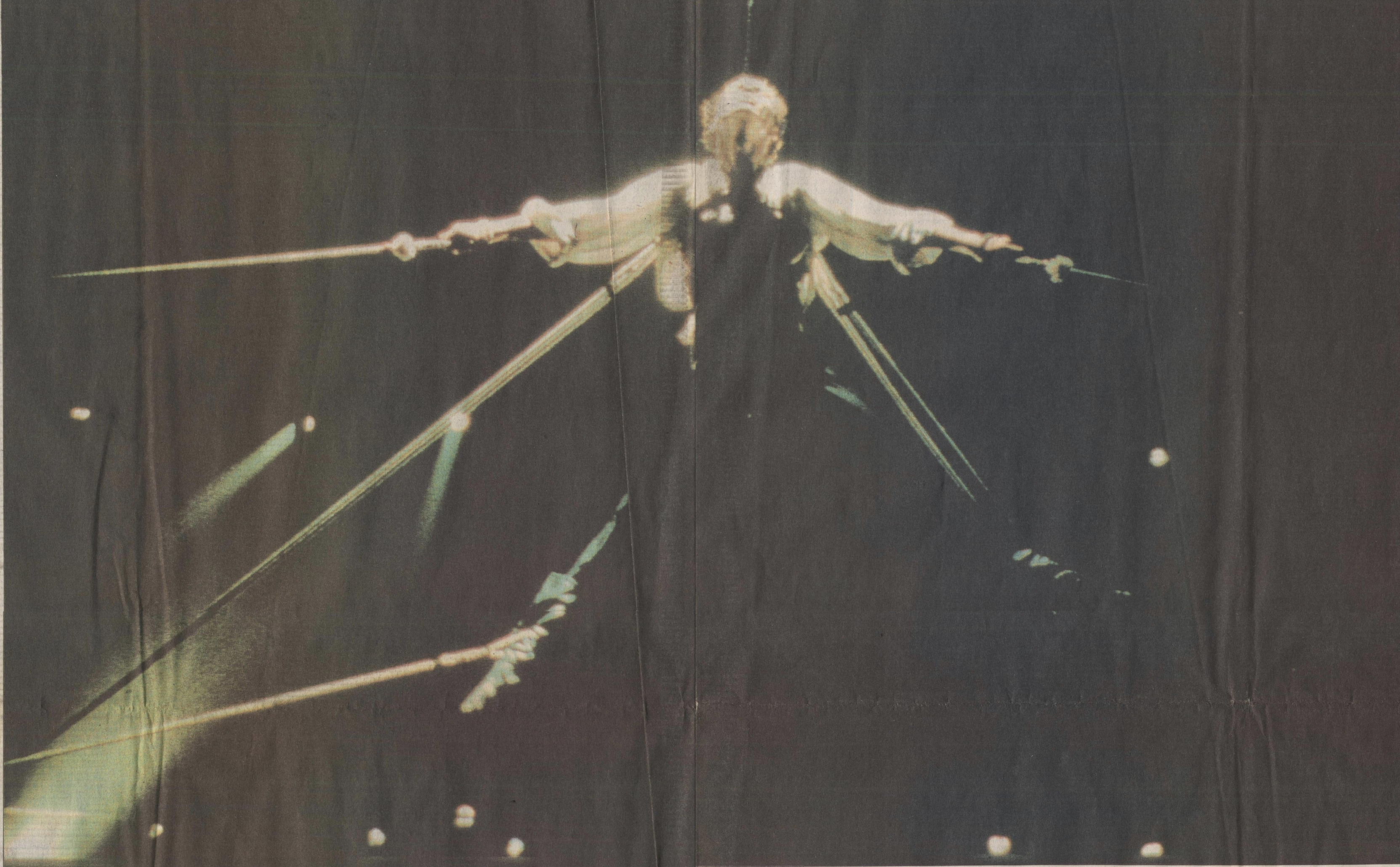
**Eifman** — Também acho. Se você observa um bailarino que não tem a técnica clássica, ele é um diletante. O balé é a linguagem que pode exprimir idéias e sentimentos importantes, pode trazer uma paz especial. Meu teatro é meu espaço especial, onde torno real minha imaginação.

**Ana** — Você tem um espaço próprio?

**Eifman** — Temos três estúdios em São Petersburgo, num espaço cedido há oito anos pelo governo.

**Ana** — O governo só reconhece

# Ana Botafogo e Eifman discutem essência do clássico



*"Os Karamazov", de Boris Eifman: "Dostoiévski e Tchaikovski fazem parte de minha busca por novas possibilidades de movimento, preparar artistas com uma cabeça diferente, conhecer cada um, entrar em seus universos, extrair algo deles e fazê-los dançar"*

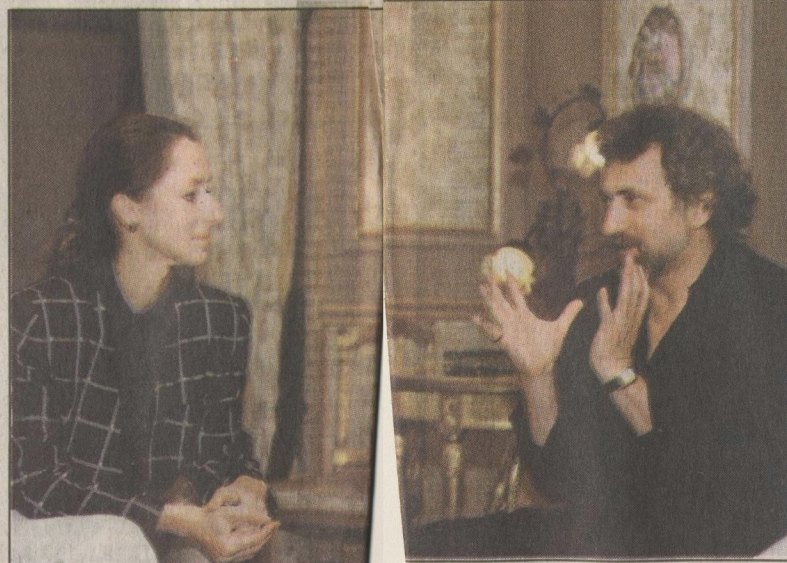


*Inicialmente, a companhia conquistou um público jovem, gente que não tinha o hábito de ver balé: mistura de teatro sério e música pop*

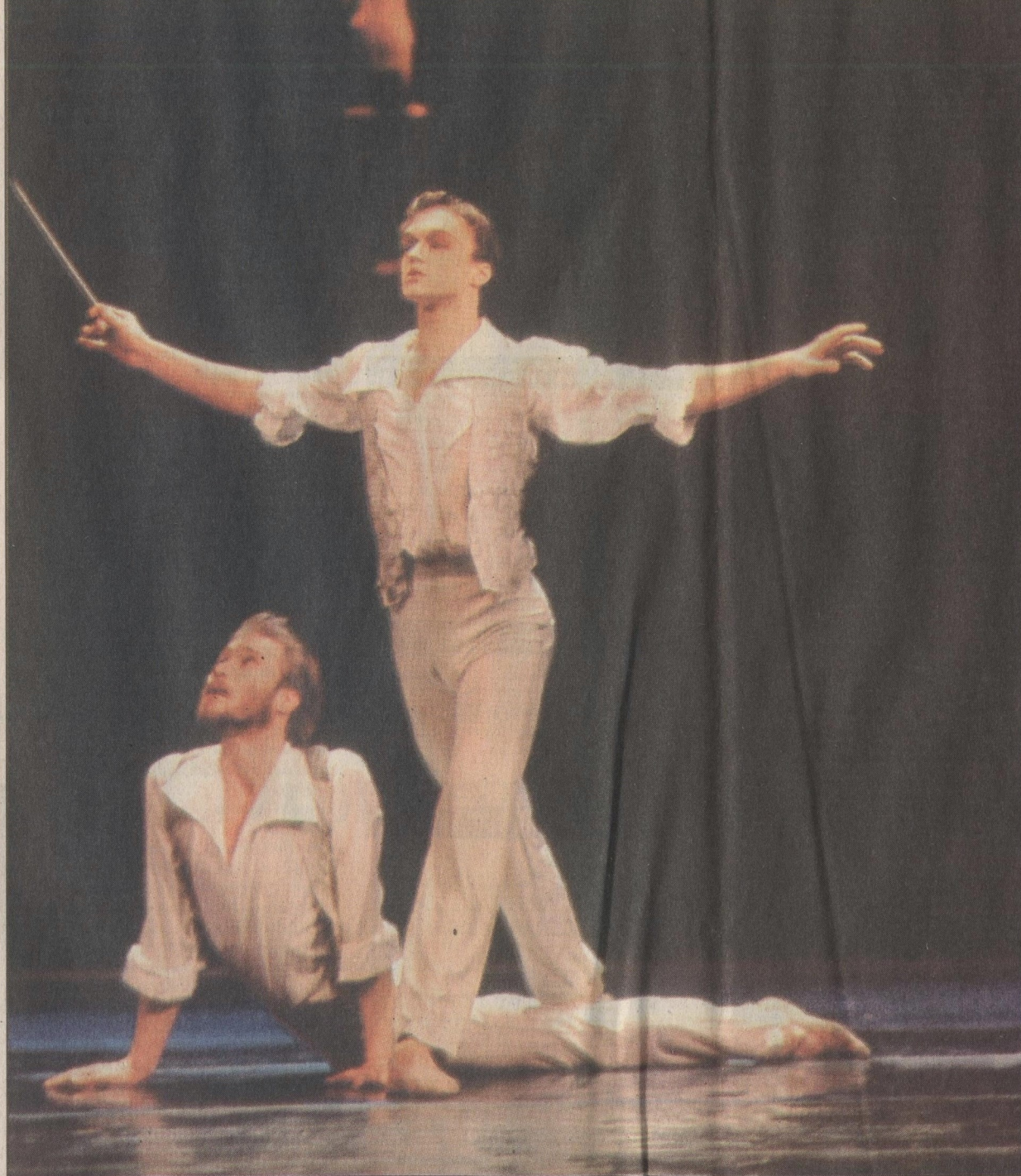


*Dramaturgia e técnica: "O grande coreógrafo tem a espinha alinhada em direção a Deus e consegue mostrar isso ao público", diz Eifman*

Vidal Trindade/AE



*A bailarina brasileira Ana Botafogo e o coreógrafo russo Boris Eifman durante o bate-papo*



*"Tchaikovski — Um Ser Dividido": "Não quero fazer a revolução, quero fazer a evolução da arte"*

seu trabalho quando o grupo já existia há 12 anos?

**Eifman** — Sim. Reconheceu que precisava de mim e eu também preciso dele. Agora minha companhia está recebendo todos os prêmios de dança e vem sendo considerada a melhor da Rússia — sem contar o Kirov, é claro.

**Ana** — Como foi essa mudança?  
**Eifman** — Tudo veio ao mesmo tempo, com a perestroika, há dez anos. A política mudou, a economia mudou. E a reação das pessoas ao nosso trabalho passou a ser outra. Mas, antes disso, a crítica e o público já gostavam do meu trabalho.

**Estado** — Qual foi a reação do público quando o St. Petersburg Ballet surgiu?

**Eifman** — Queria mostrar quem era a nova geração da dança. Criei minha companhia em 1977 e queria fazer alguma coisa nova, diferente do que se via na época. Criei uma coreografia que tinha Pink Floyd na trilha sonora. Fiz para os jovens, queria levar ao teatro gente que não tinha o hábito de ver balé. A princípio, meu público queria apenas ouvir rock, mas as pessoas adoraram a mistura de música pop com teatro sério.

**Ana** — Você popularizou o balé, criou uma nova plateia para dança.  
**Eifman** — Justamente. E poucos anos depois eu fiz um balé baseado em *O Idiota*, de Dostoiévski, com música de Tchaikovski. Era uma coreografia neoclássica, com personagens de contorno psicológico muito bem delineado... E foi legal porque as mesmas pessoas que tinham gostado do Pink Floyd foram nos ver novamente. Agora, temos uma segunda geração de espectadores. Mas isso me faz sentir meio velho...

**Ana** — Existe algum caso de pai e filho que dançam na sua companhia?

**Eifman** — Sim, uma das bailarinas é filha de um casal que dançava comigo e saiu da companhia há cinco anos. Eu mesmo tenho um filho de 2 anos e meio e gostaria muito que ele continuasse meu trabalho.

**Ana** — Pobre garoto... Quer que ele seja bailarino já é difícil, mas quer um coreógrafo...

**Eifman** — É uma vida muito dura, mas muito bonita. Não quero que ele seja um homem comum, que trabalhe e depois vá para casa assistir à TV. Quero que tenha uma vida cultural rica.

**Ana** — Por que você escolheu essa profissão?

**Eifman** — Briguei muito por isso. Meus pais diziam: "Você é um menino! Por que quer dançar?" Mas eu danço desde que me lembro de estar vivo. Meu sonho era ser coreógrafo. Fazia anotações sobre movimentos corporais quando era adolescente. Aos 13 anos, fiz minha primeira coreografia. Profissionalmente, foi aos 20 anos. Quando li muitas anotações hoje, acho engraçado. Mas se meu filho se sentir da mesma maneira, poderá seguir meu caminho.

**Ana** — Se ele realmente quiser, será mais fácil. Você já brigou por ele para poder trabalhar.  
**Eifman** — Recebi minha liberdade quando já passava dos 40 anos. É como se eu tivesse um novo tipo de vida. Meus primeiros 40 anos de vida foram duros, mas muito interessantes, preencheram meu coração, deram-me força emocional. Se eu tivesse tido uma vida fácil, talvez não tivesse me tornado um coreógrafo. Essa luta me deu paixão, força, poder.

**Estado** — Como funcionava a censura no regime soviético?

**Eifman** — Eu criava um novo balé e tinha de mostrar primeiro para uns juizes do Partido Comunista. Eles viam e balançavam a cabeça: "Não, isto não é o nosso balé, você vai ter de mudar." Um mês depois, eu mostrava o balé novamente, sem alterar nada. Eles diziam: "Está melhor, mas não é suficiente." Muitas vezes eu tive de ouvir: "Você faz pornografia." E não era só comigo. Muitos não conseguiram. Começaram a beber, entraram em depressão.

**Ana** — Já vimos esse filme...

**Eifman** — Eu sei. Estou feliz que agora as coisas estejam melhores. Mas trocamos o problema político pelo econômico. Atualmente, montar um espetáculo na Rússia custa caro e eu tenho de viajar para juntar dinheiro. Para montar meu trabalho mais recente, *Giselle Vermelha*, tive de fazer vários empréstimos e estou endividado até hoje.

**Ana** — O apoio do governo não é suficiente?

**Eifman** — O governo dá dinheiro, mas não muito. Em geral, uns 20% do orçamento.

**Ana** — E o resto do dinheiro vem

de onde?

**Eifman** — Minha companhia não tem patrocinadores. Viajamos muito para o exterior e só em nossas turnês conseguimos ter lucro. Em 1997, vamos passar sete meses viajando, fazendo cerca de 120 apresentações — são elas que me dão dinheiro.

**Estado** — Antes da perestroika, você sabia o que estava sendo feito na dança do resto do mundo?

**Eifman** — Não muito e isso me deixava muito triste. Mas quando as portas se abriram, percebi que nem tantas coisas estavam ocorrendo. Apesar do isolamento, consegui encontrar material em mim mesmo e nas coisas que me rodeavam. Criei um estilo muito particular de dança-teatro russa.

**Ana** — Vi os vídeos gravados de seus balés — mas não posso julgar apenas por eles — e seu trabalho me pareceu dança universal.

**Eifman** — É dança emocional. A dança europeia em geral não costuma mostrar tantas emoções quanto a russa. O aspecto formal do meu trabalho é internacional, mas a emoção é russa. É meu estilo.

**Ana** — Você se considera avante-garde?

**Eifman** — É muito difícil saber o que é avant-garde hoje em dia. Não quero fazer vanguarda, não quero fazer experiências. Quero fazer arte. Tenho algo em mim e quero mostrar isso, para perceber quem sou por meio da minha arte. Meu trabalho não é fazer algo que ninguém jamais fez só para quebrar regras. Poderia fazer isso, mas não é meu objetivo. Não foi para isso que tive uma vida tão dura. Sou um artista russo, temos uma tradição cultural tão maravilhosa de balé, música, literatura, pintura... Não posso esquecer essa tradição. Não quero fazer a revolução, quero fazer a evolução da arte.

**Estado** — As duas coreografias que você está trazendo ao Brasil são exemplos significativos da melhor cultura russa, inspiradas em Dostoiévski e Tchaikovski.

**Eifman** — Esses balés são muito representativos dentro da minha pesquisa. Concentram idéias que eu venho tentando encontrar em 20 anos de trabalho. Tchaikovski tem o teatro psicológico que eu busco e Dostoiévski tem o teatro filosófico. Fazem parte de minha busca para descobrir novas possibilidades de movimento e preparar artistas com uma cabeça diferente.

Meu sistema é fazer os artistas dançarem movidos por novos sentimentos. Jovens artistas chegam à minha companhia e tudo o que podem fazer é dar piruetas. Passamos por um trabalho duro, porque tenho de conhecer cada artista, entrar em seu universo e extrair algo dele.

**Ana** — É como fazer uma escultura.

**Eifman** — Eu digo que é um estado de hipnose. Você traz o bailarino até você e encontra novos sentimentos nele. Os sentimentos dão origem aos movimentos e o caminho entre um e outro tem de ser cada vez menor. A reação tem de ser natural.

**Estado** — Mesmo tendo passado por um longo período de isolamento, imagine que você tenha sido influenciado por outros coreógrafos.

**Eifman** — Gosto muito de Maurice Bejart e Jiri Kylian, por exemplo. Mas não preciso ter influências de outros coreógrafos se sou tão influenciado por mim mesmo. A vida é tão curta... Quero ter tempo de realizar as próprias idéias. Para mim, o principal é ouvir o coração — isso dá origem aos movimentos.

**Estado** — O nome da sua companhia é St. Petersburg Ballet Theatre. Atualmente, a dança-teatro tem uma força grande no mundo. O que você acha disso?

**Eifman** — Bem, o que posso fazer? Eu já faço isso há 20 anos e agora muitas companhias adotam essa linha. Acho que estava certo há 20 anos, porque muitos grupos estão seguindo o mesmo caminho. Há uma grande discussão sobre o que é moderno, qual é o futuro da dança no próximo século. Mas pense bem: as tragédias dos gregos antigos eram catárticas. Catarse é o ponto fundamental. Se não há catarse, para que ir ao teatro? Você poder ficar em casa vendo TV e futebol.

**Estado** — Mas futebol também é catártico.

**Eifman** — É verdade. Mas também é movimento, como teatro ou balé. Se consigo fazer cem pessoas ter uma sensação de catarse ao mesmo tempo, estou satisfeito. As pessoas estão tão ocupadas, cansadas. É preciso dar a elas uma energia especial. Se querem passar a noite comigo, tenho de dar isso a elas.